#### I.

No Reino Unido, demite-se ministro responsável pela saída do país da União Europeia. Acontece 48 horas depois de Theresa May ter dito que convenceu governo para um acordo que prevê um Brexit mais suave.

E em Bruxelas, milhares de pessoas saíram à rua para se manifestarem contra a Cimeira da NATO e a presença de Donald Trump no evento. Notícias avançam que o líder norteamericano, que vai passar também pelo Reino Unido, está a evitar a capital britânica.

Ainda esta semana: juíza do Supremo Tribunal polaco desafia controversa lei judicial aprovada pelo Governo de Varsóvia.

II.

Bem-vindos ao Magazine Europa,

No Reino Unido, o ministro do 'Brexit', David Davis, apresentou a demissão. Aconteceu 48 horas depois da primeira-ministra Theresa May, ter anunciado que o seu governo tinha concordado com um Brexit mais suave. Mais com a jornalista Marta Melo.

O ministro responsável pelo Brexit, David Davis, tem sido um forte defensor da saída do Reino Unido da União Europeia no seio do governo de Theresa May.

Um executivo que se divide entre aqueles que defendem uma saída limpa e os que querem manter ligações próximas ao bloco.

O grupo pró-Brexit tem criticado Theresa May por considerar que os planos da primeira-ministra mantêm o Reino Unido demasiado perto da União Europeia.

David Davis, eurocéptico, nomeado há dois anos para chefiar um ministério para a saída do Reino Unido do bloco, ameaçou deixar o cargo várias vezes.

Agora tomou a decisão, precisamente dois dias depois de Theresa May anunciar um acordo colectivo com o governo que lidera para negociar com Bruxelas um "soft Brexit".

Um acordo que propõe a criação de uma zona de comércio livre com a União Europeia.

#### Theresa May, primeira-ministra britânica

*Isto manterá elevados padrões, haverá regras comuns para bens industriais e produtos agrícolas, mas queremos também garantir que nada irá mudar sem o consentimento, sem a aprovação do nosso* 

parlamento. Esta é uma proposta que, julgo, será boa para o Reino Unido e boa para a União Europeia.

O acordo prevê, além disso, que o Reino Unido deixe de estar sob jurisdição do Tribunal Europeu de Justiça, embora respeite as decisões dessa instância nas áreas em que vigoram regras comuns.

# Marta Melo sobre a demissão de David Davis. O ministro que foi substituído pelo até agora secretário de Estado da Habitação, Dominic Raab.

# E connosco desde Bruxelas está Victor Ângelo, consultor internacional e comentador residente do Magazine Europa.

Victor, um primeiro comentário à demissão de David Davis. Ele - e eu vi a carta de demissão que ele enviou à Theresa May pensa que o que foi aprovado no Conselho de Ministros da semana passada é um plano irrealizável e é um plano que acabará por dar ainda mais vantagens à União Europeia do que ao Reino Unido, ou seja, ele pensa que o plano aprovado é um plano que faz uma subordinação dos interesses ingleses, dos interesses britânicos aos interesses europeus e que provavelmente não deixará nenhuma capacidade de manobra e de independência política aos britânicos.

#### O Victor concorda com essa visão?

Eu penso que sim, eu penso que o que foi aprovado na semana passada, que é inspirado na ideia de um Brexit suave na realidade é um plano burocraticamente muito complicado, com muitos enredos administrativos, que abre a porta a muitas dificuldades de implementação e até abre a porta a certas fraudes ao nível alfandegário. E, além disso, é um plano que provavelmente não poderá ser aceite por Bruxelas, na medida em que prevê, no que diz respeito aos bens industriais e no que diz respeito aos bens agrícolas, que haja uma circulação livre das mercadorias entre o espaço britânico e o espaço europeu, mas por outro lado, em relação aos serviços e em relação à circulação das pessoas, continuarão a existir imensas restrições impostas pelos britânicos. Ora, um dos princípios fundamentais da União Europeia é o da indivisibilidade do mercado comum, ou seja, a integridade indissociável das quatro liberdades: das liberdades das pessoas, do movimento das pessoas, dos bens, dos servicos e dos capitais.

E então em que é que vamos ficar. Bruxelas não aceita, em que pé fica o acordo?

Bruxelas está cada vez mais convencida de que não haverá em Março do próximo ano nenhum acordo assinado entre as duas partes e que provavelmente o período de transição terá que ser prolongado. Bruxelas pensa que o Reino Unido precisará provavelmente de uma outra liderança política, precisará de uma clarificação das suas prioridades políticas internas, antes de poder estar em condições de negociar com Bruxelas aquilo que será o relacionamento futuro.

# III.

Futuro incerto então para o Brexit e também para o quadro político do Reino Unido. Depois de gravado este comentário demitiu-se Boris Johnson, ministro britânico dos Negócios Estrangeiros. Theresa May já aceitou a demissão do ministro, agradeceu o trabalho que Johnson desenvolveu enquanto esteve em funções e escreveu em comunicado que o substituto será anunciado em breve. A demissão de Boris Johnson surge num momento particularmente difícil para a estabilidade do governo britânico, que se encontra dividido no que diz respeito aos termos do Brexit.

#### E ainda por Bruxelas, milhares de pessoas saíram às ruas da capital belga este fim-de-semana para se manifestarem contra a cimeira da NATO, que começa amanhã.

Um protesto que contestou a "militarização de uma política internacional" que "exclui as pessoas", como nos conta a jornalista Lina Ferreira.

Uma manifestação que reuniu cerca de três mil pessoas no Sábado em Bruxelas e que foi liderada por organizações não-governamentais, como a Amnistia Internacional.

Aconteceu a poucos dias da cimeira anual da NATO, que começa amanhã na capital belga.

O protesto contesta a cimeira anual da Aliança Atlântica, a presença de Donald Trump no evento e a "militarização de uma política internacional" que de acordo com os organizadores "exclui as pessoas".

Uma cimeira que se adivinha difícil. No início deste mês, Trump enviou cartas aos aliados da NATO, queixando-se das contribuições insuficientes dos respectivos países junto da Aliança Atlântica. Um assunto que já foi abordado pelo líder norte-americano no ano passado durante a inauguração da sede da NATO.

## Donald Trump, Presidente dos Estados Unidos da América

23 dos 28 estados-membros ainda não pagam o que deviam e aquilo que devem pagar pela sua defesa. Isto não é justo para o povo e para os contribuintes Estados Unidos

Ainda de acordo com notícias avançadas, o líder não deverá cruzar-se com os protestos agendados para esta visita europeia. No Reino Unido, onde estará depois de Bruxelas, Donald Trump não deverá ver o balão preparado com a sua versão bebe, com uma fralda e um telemóvel na mão a sobrevoar o Parlamento britânico. Isto porque os encontros estão agendados para locais afastados da capital britânica.

Lina Ferreira aqui sobre os planos de Donald Trump nesta visita europeia, que vai incluir então um balão de seis metros, que é suposto revelar a personalidade de um bebé zangado com um ego frágil e mãos minúsculas.

Trump já respondeu e diz que respeita a liberdade de expressão.

Victor, o que poderá acontecer nesta cimeira?

É muito difícil prever o que o presidente americano irá dizer e quais serão os tweets que ele irá publicar no seguimento e durante a cimeira da NATO. O que é verdade é que Donald Trump tem uma visão muito simplista - eu diria mesmo maniqueísta da relação entre os Estados Unidos e a Europa. Ou seja, ele pensa que os aliados europeus têm ganhado sempre e que os Estados Unidos têm estado sempre a perder e sempre a pagar.

Foi acordado então que cada país pagaria 2% do PIB para a NATO. Essa é uma das questões que Donald Trump vai trazer à cimeira. *A cimeira da NATO, que teve lugar no País de Gales em 2016, aprovou uma moção dizendo que os países membros da Organização deveriam gastar com a sua defesa 2% do seu Produto Interno Bruto, mas também disse que esse objectivo de 2% era para atingir até ao ano 2024. Donald Trump, ele não está a respeitar aquilo que foi aprovado.* 

Mas também é verdade que alguns dos países, ao assinar esse compromisso, tinham a impressão de que esse era apenas um compromisso de papel. Na realidade, o que Donald Trump está a fazer é a insistir no sentido de que os orçamentos nacionais destinem uma fatia maior às despesas militares e isso é uma questão não só de soberania nacional, mas é também uma questão que tem que ver com a opinião pública e neste momento a opinião publica em muitos dos países europeus não é favorável a um aumento das despesas militares.

E que atitudes é que o presidente norte-americano vai tomar para se fazer ouvir?

Vai ameaçar nomeadamente a Alemanha com a retirada de uma parte importante das tropas americanas que estão estacionadas na Alemanha. Vai provavelmente também ameaçar com a retirada de militares americanos dos países bálticos. E isso para alguns países europeus é bastante importante, porque os países bálticos são vistos, por um lado, como a linha frente em relação à Rússia e, por outro lado, como um teste à coesão da NATO, ou seja, se nós não estivermos em condições de defender os países bálticos, o artigo 5.º, que é o artigo da defesa comum da NATO, esse artigo 5.º deixa de ter valor e, em certa medida, a NATO propriamente dita também deixa de representar qualquer tipo de escudo de protecção dos países europeus em relação nomeadamente a um vizinho muito poderoso e a um vizinho relativamente imprevisível, como é a Rússia. Por isso, ele poderá fazer esse tipo de ameaças desse tipo, ele poderá igualmente dizer também que certo tipo de apoio logístico que é neste momento é fornecido a tropas europeias deixará de estar presente. Ele poderá fazer esse tipo de ameaças, mas na realidade o que ele procura é fazer com que as despesas militares dos países da Europa aumentem, porque isso em certa medida também responde aos interesses das indústrias de guerra, nomeadamante as indústrias de guerra dos Estados Unidos.

Temos precisamente a questão russa. Será uma semana para perceber como ficará este equilíbrio de forças das relações EUA-Europa-Rússia. Agora recentemente, também foi noticiado o caso de mais duas pessoas envenenadas com o Novichok, o mesmo agente que foi usado no caso de ex-agente Sergei Skripal, envenenado no Reino Unido e a quem o Reino Unido atribuiu as culpas à Rússia. A questão da Rússia é uma questão extremamente divisiva. Por um lado, há vários países da NATO que consideram a Rússia como a principal ameaça dentro do espaço europeu e, nomeadamente, os países do Leste e também o Reino Unido. Mas por outro lado, há outros países membros da NATO que não vêm a Rússia como uma ameaca muito séria, mas vêm sim o Norte de África e, em certa medida, as migrações vindas do continente africano e do Médio Oriente como uma grande ameaça. Ou seja, nós temos vários líderes europeus, incluindo Merkel e Theresa May a olhar para o Leste, e temos Macron, temos os espanhóis, temos os italianos e até os portugueses a olhar para o Sul e a ver a Rússia apenas como uma ameaça muito longíngua, muito distante. Esta é uma também uma das razões por que se diz que a NATO está em crise, por causa deste tipo de divisões quanto à prioridade.

## IV.

Já voltamos à conversa com Victor Ângelo.

Entretanto vamos até à Polónia, onde uma juíza do Supremo Tribunal está a desafiar uma polémica lei judicial.

Malgorzata Gersdorf apresentou-se na quarta-feira ao trabalho. Um gesto que contesta a nova reforma judicial na Polónia, levada a cabo pelo Governo conservador do partido Justiça e Liberdade.

Recorde-se que a legislação, em vigor há cerca de uma semana, força a aposentação de juízes com mais de 65 anos. Medida que levou à substituição de mais de um terço dos magistrados do Supremo Tribunal. Entretanto, a Comissão Europeia já abriu um procedimento de infracção contra o país.

Victor, qual é a opinião da União Europeia sobre esta nova reforma? É preciso tratar da Polónia com muita firmeza, não se pode de modo algum aceitar que um estado-membro da União Europeia ponha em causa o Estado de Direito e ponha em causa, digamos assim, a separação de poderes, ou seja, por um lado, o poder político e, por outro lado, o poder judicial.

Não se trata, aliás, apenas de uma substituição dos juízes e de mandar para a reforma, digamos assim, todos aqueles que tenham mais de 65 anos. Trata-se em seguida de nomear juízes que sejam favoráveis ao partido no poder, mas trata-se sobretudo de uma nova legislação que permita ao poder político e, nomeadamente aos deputados, desafiar as decisões judiciais aprovadas pelo Supremo Tribunal de Justiça da Polónia.

*Ora isso é uma situação que não existe em nenhum outro país europeu em que o parlamento ou um grupo de deputados no parlamento possa pôr em causa ou possa anular decisões tomadas pelos juízes do Supremo Tribunal de Justiça.* 

A União Europeia perderá toda a sua autoridade moral ao nível internacional se tiver no seu seio países em que o poder político domina completamente todas as esferas da vida política nacional, incluindo as esferas na área jurídica.

E para terminar o programa de hoje, pedia-lhe ainda um comentário a uma declaração de João Lourenço, presidente angolano, que esteve no Parlamento Europeu, em Estrasburgo. Lourenço mostrou sintonia com os líderes europeus, que estão preocupados com a migração. A solução para travar os fluxos através do Mediterrâneo passa por um novo plano Marshall para o continente, disse o presidente angolano. Sim, essa ideia é uma ideia que tem estado em cima da mesa há algum tempo, que é preciso um esforço excepcional que ajude ao desenvolvimento africano. O presidente de Angola voltou a frisar a importância de uma ideia desse tipo. É evidente que a cooperação europeia com África precisa de ser reforçada, é evidente que essa cooperação precisa também de ser repensada no sentido de criar oportunidades de emprego e oportunidades económicas em África. Mas o presidente angolano e outros dirigentes, também dirigentes europeus... Não, falo também de uma outra questão que é fundamental, que é a questão da boa governação em África. A questão de África é uma questão de desenvolvimento, mas também é uma questão de governação. E o que nós assistimos em África é que muitos dos governos africanos são governos que não têm em conta os interesses gerais das populações. São governos que muitas vezes aproveitam a cooperação internacional para benefício próprio, ou seja, se não houver um combate muito claro à corrupção, se não houver um combate muito claro à má governação em África, gualquer plano

Marshall que possa ser posto em prática, não terá os efeitos desejados, porque na realidade ele será apropriado privadamente, ou seja, será uma nova oportunidade para os dirigentes africanos enriquecerem.

Victor Ângelo todas as semanas aqui connosco no Magazine Europa. Espaço ainda para um apontamento cultural.

Vai ser publicado um diário inédito de José Saramago.

Trata-se do "Último caderno de Lanzarote", correspondente ao diário de 1998, ano em que ganhou o Prémio Nobel da Literatura. Tem edição da Porto Editora e chega às livrarias no dia 8 de Outubro. O anúncio da publicação do último volume dos diários do escritor, foi feito na semana passada por Manuel Alberto Valente, editor das obras de Saramago desde 2014, e também por Pilar del Rio, na Fundação José Saramago, em Lisboa.

Hoje ficamos por aqui. Até para a semana.

# [ficha técnica]

Com edição e apresentação de Catarina Domingues, análise de Victor Ângelo e coordenação de Hélder Beja, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões aqui expressas não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.